

# GÊNEROS INTRODUTÓRIOS: ASPECTOS DE SUA CONSTITUIÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E NOMEAÇÃO

*Benedito Gomes Bezerra\**

## 1. INTRODUÇÃO

No estudo de gêneros textuais do domínio acadêmico ou científico, Bhatia (1997a, 1997b) destacou o que ele viria a chamar alternativamente de “gêneros introdutórios” ou “introduções acadêmicas”, espécie de “colônia” (o termo também é de Bhatia) de gêneros que “freqüentemente se encontram nas páginas iniciais dos livros” (1997b, p. 640). Entre esses gêneros, o autor menciona introdução, prefácio, apresentação e agradecimentos. No entanto, Bhatia apenas aponta aspectos como a flexibilidade no uso e exploração concreta desses gêneros, flexibilidade essa que dificulta uma eventual tentativa de identificá-los claramente, especialmente em termos de distinção recíproca. Não encontramos, na pesquisa em geral, uma atenção específica ao problema da constituição, identificação e nomeação desse importante agrupamento de gêneros.

Em minha própria pesquisa de doutorado, tenho buscado precisamente elucidar essas questões, no contexto editorial brasileiro, em áreas diversificadas como lingüística, teologia e medicina. Entre os pressupostos teóricos centrais da pesquisa está a concepção de gêneros textuais como construtos maleáveis, “relativamente estáveis” (BAKHTIN, 1997), ao lado da possibilidade da exploração dessa maleabilidade por usuários socialmente autorizados para tal (BHATIA, 1993, 1997b). A flexibilidade na construção dos gêneros levantará necessariamente a questão de sua identificação e nomeação, a qual já era uma preocupação de Swales (1990) e Johns (1997), entre outros.

Obviamente trata-se de uma questão relevante, embora, como bem alerta Kress (2003), a nomeação em si não deva ser a preocupação central do analista. Se, por um lado, o importante é reconhecer que os textos apontam para relações e posições sociais de seus produtores, por outro lado não se pode ignorar a busca mais ou menos espontânea ou intuitiva por um rótulo para os gêneros trocados entre os membros das diversas comunidades de práticas ou comunidades discursivas.

Neste trabalho, delinerei, a partir de um levantamento inicial do corpus da pesquisa, os aspectos mais imediatamente notáveis no manuseio dos gêneros introdutórios nas áreas disciplinares mencionadas. Destacarei os gêneros apresentação, prefácio e introdução para uma observação mais detalhada. Antes, porém, explicitarei uma definição de trabalho para os conceitos de livro acadêmico e de gêneros introdutórios.

## 2. LIVROS ACADÊMICOS: O QUE SÃO

Conforme afirmamos em trabalho anterior (BEZERRA, 2003), o livro convencional, impresso, como objeto físico que assume os mais diversos formatos, claramente se apresenta como suporte de gêneros diversificados, e não como um gênero em si mesmo. Por livro acadêmico, designamos aquela variedade de livro que veicula (ou suporta) os chamados gêneros acadêmicos e, dessa forma, se dirige a comunidades discursivas ou a públicos mais

---

\* Doutorando em Lingüística/UFPE

ou menos segmentados e especializados, localizados em ambientes institucionais, sejam eles propriamente acadêmicos ou profissionais. O público dessas obras pode ser composto de estudiosos e pesquisadores propriamente ditos, mas também pode incluir o estudante de graduação como aquele que tenta se iniciar em uma determinada comunidade acadêmica. São livros portadores de gêneros que pressupõem e evidenciam um diálogo acadêmico em andamento. Os gêneros introdutórios portados por essa modalidade de livro se apresentam como formas de participação no referido diálogo acadêmico.

Para fins de delimitação do universo de pesquisa, são tratados por esta pesquisa os livros caracterizados como produto editorial, objetos de mais ou menos larga distribuição comercial, aos quais geralmente se atribui, entre outras marcas técnicas e formais, um número de ISBN (International Standard Book Number). Embora possam igualmente ser tidos como livros, não são consideradas aqui obras de circulação consideravelmente mais restritas, tais como teses e dissertações. Por outro lado, livros se caracterizam por sua não-periodicidade, o que permite distingui-los, por exemplo, de publicações científicas/acadêmicas tais como revistas e boletins, os quais se identificam por meio de um código específico, o ISSN (International Standard Serial Number). Portanto, também os periódicos científicos não são considerados, para os nossos propósitos, como livros acadêmicos.

### 3. GÊNEROS INTRODUTÓRIOS: CONCEITUAÇÃO

Por gêneros introdutórios, em um sentido amplo, designo, seguindo as indicações de Bhatia (1997a, 1997b), os gêneros textuais que usualmente acompanham o ou os gêneros principais em uma obra acadêmica, seja ela um livro, uma revista científica ou ainda uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado. São gêneros que se identificam, em um nível mais alto de generalização, basicamente pelo propósito comunicativo comum de *introduzir uma obra acadêmica*, seja ela um livro, uma monografia ou uma revista científica. Incluem-se aí gêneros tais como *introduções*<sup>1</sup>, *prefácios* e *apresentações*. Neste trabalho, referimo-nos unicamente a gêneros introdutórios de obras escritas, particularmente de livros acadêmicos, reconhecendo, como posto acima, que eles obviamente se encontram também em outras modalidades de livros e em periódicos científicos. Igualmente deve ser ressaltada a existência de gêneros introdutórios para outros gêneros e eventos acadêmicos relacionados com a oralidade, embora ela não seja um foco desta pesquisa.

### 4. GÊNEROS INTRODUTÓRIOS: UM MAPEAMENTO PRELIMINAR

Em um primeiro levantamento baseado em apenas 05 obras acadêmicas (BEZERRA, 2003), foi possível verificar o seguinte leque de gêneros introdutórios, que, já a partir de um primeiro olhar, sugeria a necessidade de ampliar a noção de que tais gêneros apenas se encontram “nas páginas iniciais dos livros” (BHATIA, 1997b, p. 640). Definimos, então, três *loci* em que tipicamente ocorrem gêneros introdutórios: orelhas, quarta capa e páginas iniciais. No quadro a seguir, há uma lista dos gêneros/textos encontrados naquela investigação:

---

<sup>1</sup> Bhatia (1997, p. 182) lembra que o termo *introdução* é um termo “versátil”, podendo ser utilizado de maneiras variadas e em diferentes níveis de generalização, formando uma “colônia de gêneros relacionados”: a *introdução* de um livro se realiza através de uma *sinopse*, de um *capítulo introdutório* ou da *introdução* propriamente dita. É esta última que se apresenta mais diretamente ligada aos *gêneros introdutórios* referidos neste trabalho.

ORELHAS	QUARTA CAPA	PÁGINAS INICIAIS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trechos da apresentação</li> <li>• Trechos de capítulos</li> <li>• Apresentação [da coleção]</li> <li>• “Notas biográficas”</li> <li>• Resenha ou sinopse ampliada do livro</li> <li>• Apresentação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sinopse</li> <li>• Trechos de capítulos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação</li> <li>• “Notas biográficas”</li> <li>• “Nota” dos editores</li> <li>• Dedicatória</li> <li>• Agradecimentos</li> <li>• Lista de abreviaturas</li> </ul>

**Figura 1: Gêneros introdutórios em livros acadêmicos (BEZERRA, 2003, p. 4)**

Dessa investigação inicial, descartadas as repetições e sobreposições em termos da localização do gênero dentro das opções oferecidas pelo suporte, resultaria a seguinte listagem, divisível em dois grupos:

- (1) *Gêneros dotados de nomes socialmente compartilhados, consensuais*: esses usualmente são acompanhados de um título que os identifica, tais como: *apresentação*, *lista de abreviaturas* e “*nota dos editores*”, sendo os dois últimos bastante idiossincráticos; ou são estereotipados a ponto de dispensar a rotulação: é o caso da *dedicatória* e dos *agradecimentos*.
- (2) *Gêneros sem nome ou não identificados*, tipicamente situados nas orelhas ou na quarta capa dos livros e desacompanhados de quaisquer títulos. Às vezes, esses gêneros são dotados de uma certa completude ou autonomia, podendo ser identificados e rotulados *a posteriori*, pelo menos tentativamente. Para alguns desses, é possível arriscar rótulos como *sinopses* ou *notas biográficas*, termos costumeiramente utilizados por editores. No entanto, as orelhas e a quarta capa de livros apresentam, também, textos que são meros extratos ou trechos retirados de outros gêneros contidos no interior do livro, sejam eles gêneros introdutórios ou mesmo partes do gênero ou gêneros centrais veiculados pela obra. São textos baseados em partes da apresentação ou em “citações” de capítulos, por exemplo. Seriam realmente gêneros? A pergunta “é” ou “não é” um gênero seria pertinente?

Para o presente estudo, examinamos uma quantidade maior de obras acadêmicas, distribuídas em três diferentes áreas disciplinares: 11 livros na área de lingüística, 09 em teologia e 05 em medicina. O quadro resultante foi o seguinte:

GÊNERO	ÁREA DISCIPLINAR			TOTAL
	LINGÜÍSTICA 11 livros	TEOLOGIA 09 livros	MEDICINA 05 livros	
1. Apresentação	09	06	04	19
2. Prefácio	01	01	03	05
3. Prólogo	02	–	–	02
4. Introdução	03	04	–	07
5. “Nota biográfica”	06	05	–	11
6. Agradecimentos	01	03	03	07
7. Dedicatória	02	04	01	07
8. Epígrafe	01	01	–	02
9. Sinopse	08	06	–	14

**Figura 2: Gêneros introdutórios em lingüística, teologia e medicina**

A identificação desse significativo conjunto de gêneros que podem ocorrer na apresentação de um livro ao público leitor torna-se possível, por um lado, pela aceitação dos títulos que acompanham os textos como rótulos designadores dos respectivos gêneros. Uma identificação, portanto, baseada no conhecimento de gêneros implícito no próprio uso dos praticantes, conforme indicações metodológicas de Bhatia (1993, p. 34). Por outro lado, alguns gêneros introdutórios, mesmo desacompanhados de títulos, serão claramente identificados com base em convenções sociais estabelecidas, que eventualmente se refletem em aspectos formais como o posicionamento na página ou a diagramação. É o caso da epígrafe e da dedicatória, gêneros para os quais a ausência de título provavelmente até acrescenta uma maior força expressiva.

Entretanto, algumas ocorrências no corpus representam ainda um grande desafio para o analista. Por exemplo, como identificar, em termos do gênero, um texto identificado pelo título “Primeiras palavras”? Será um prefácio, uma apresentação, uma introdução? Ou algo diferente de tudo isso? Ou, por outro lado, o que fazer com um texto cujo título não tem relação com o gênero, e sim com o conteúdo da obra? Em um livro de teologia chamado *Deus, onde estás?*, a que gênero pertence o texto introdutório que leva o mesmo título? Provavelmente, seria igualmente aceitável designá-lo como prefácio ou como apresentação.

O caso mais crítico, para um mapeamento dos gêneros introdutórios, diz respeito aos textos situados nas orelhas e na quarta capa<sup>2</sup> dos livros acadêmicos. O problema das orelhas é que essa designação refere-se apenas ao aspecto físico do suporte, nada dizendo sobre o texto impresso ali. Aí podemos encontrar desde textos bastante extensos, assinados ou não, até simples trechos transcritos do interior do livro, seja de algum capítulo ou de outro gênero introdutório, passando ainda pelas chamadas notas biográficas, algumas vezes acompanhadas de foto do autor. Quanto à quarta capa, um gênero bastante recorrente é a chamada sinopse, mas coisas muito diferentes podem também ocorrer: notas biográficas, críticas de especialistas ou de órgãos de imprensa (sempre favoráveis, pois entra aí o aspecto promocional destacado por Bhatia (1997b), mesmo em obras acadêmicas). Às vezes, trechos retirados de outros gêneros introdutórios ou mesmo de capítulos do livro aparentemente substituem a sinopse.

Tanto nas orelhas como na quarta capa, um aspecto determinante para a dificuldade de identificação parece ser a própria localização no suporte. Certos textos de orelhas ou quarta capa, na hipótese de se localizarem no interior do próprio livro, poderiam ser classificados como prefácio ou apresentação sem qualquer dificuldade.

## 5. APRESENTAÇÃO, PREFÁCIO E INTRODUÇÃO: UMA BREVE DESCRIÇÃO

A seguir, faço algumas observações, de caráter extremamente provisório, sobre alguns dos gêneros introdutórios listados na Figura 2 acima.

### a) Apresentação

Embora seja este o gênero mais típico dos livros acadêmicos (19 ocorrências em um corpus de 25), não se pode dizer que haja um consenso nos manuais normativos a respeito de sua constituição. Em Prestes (2003, p. 43), por exemplo, o gênero apresentação é dado como sinônimo de prefácio, sendo descrito laconicamente como destinado a trazer “o esclarecimento ou a justificação que se fazem aos leitores”. De acordo com a autora, a apresentação (ou prefácio) contém a “natureza extrínseca” do trabalho, além de trazer também

<sup>2</sup> Embora a quarta capa já tenha sido analisada como gênero (CRISTÓVÃO, 2001), não há dúvidas de que se trata de um suporte, ou melhor, de parte do suporte que é o livro, podendo apresentar gêneros diversos, inclusive simultaneamente. Sobre essa questão, ver também Bezerra (2003).

“agradecimentos a pessoas e empresas”. A apresentação, finalmente, via de regra seria escrita por um terceiro, e não pelo autor da obra.

Já de acordo com as normas editadas pelo Sistema de Bibliotecas da UFPR, prefácio e apresentação, embora tratados sob o mesmo tópico, se apresentam como gêneros distintos. A apresentação é descrita como “o texto em que *o autor* [itálico meu] apresenta a obra e a justifica indicando a sua finalidade e as parcerias no trabalho, se houver” (UFPR, 2000, p. 18). No mesmo local, o manual define prefácio como “um texto de esclarecimento, de justificativa ou prévio comentário, redigido *pelo autor, editor ou outra pessoa de reconhecida competência ou autoridade*”.

Um olhar sobre os textos do corpus revela uma predominância do autor ou organizador(es), no caso de obras coletivas, como produtor do gênero apresentação (ver Figura 3), mas apresenta também uma significativa incidência de apresentações escritas por terceiros, normalmente figuras de autoridade que emprestam prestígio e credibilidade ao livro<sup>3</sup>. Conforme mostra o quadro, também editores eventualmente se encarregam ou são convidados a escrever apresentações. Quanto a esse aspecto, portanto, a realidade é um tanto diferente daquilo que estabelecem os manuais normativos.

PRODUTOR DO GÊNERO/ ÁREA DISCIPLINAR	AUTOR/ ORGANIZADOR	EDITOR	TERCEIRO
LINGÜÍSTICA	06		03
TEOLOGIA	02	02	02
MEDICINA	02		02

**Figura 3: Autoria do gênero apresentação**

Um exame apenas preliminar do gênero evidencia a natureza complexa da apresentação, nas áreas disciplinares enfocadas. Os atos retóricos realizados têm implicações sobre os papéis e relações sociais dos praticantes, e não deixam de ser determinados por esses mesmos papéis e relações. O aspecto mais notável talvez seja a natureza “autorial” (MAINGUENEAU, 2004) do gênero<sup>4</sup>, freqüentemente indicado por um elemento paratextual (o título) e pela localização precisa em termos da indicação de autoria, local e data da produção do texto. O elemento de autoridade acrescido pela assinatura (indicação de autoria) é uma marca característica do gênero. O nome de quem escreve a apresentação, quando não se trata do autor da obra, empresta prestígio à publicação, evidenciando uma relação de poder e de papéis sociais em que algumas pessoas e não outras serão convidadas a escrever apresentações.

## b) Prefácio

Conforme mostra a Figura 3, acima, o gênero prefácio apresenta apenas 05 ocorrências no conjunto de 25 obras examinadas. Já mostramos que as definições de prefácio em manuais de metodologia estabelecem uma relação muito próxima entre esse gênero e a apresentação, a ponto de se poder considerar que se trata do mesmo objeto, ou pelo menos da realização de uma mesma ação retórica. Isso poderia ser ressaltado concretamente por casos como o mostrado abaixo, em que a produção de um texto intitulado “Apresentação” é referida pelo

<sup>3</sup> Em um caso, nas obras examinadas, encontramos *dois* textos intitulados como apresentação, nos quais os autores, devidamente caracterizados como autoridades da área disciplinar pela titulação que acompanha os respectivos nomes, demonstram ter consciência de que estão realizando o mesmo ato retórico paralelamente.

<sup>4</sup> Em trabalho recente, Maingueneau localiza os gêneros “autorais” dentro do que ele chama de “gêneros instituídos”, por contraposição, mas numa relação de continuidade, com os “gêneros conversacionais”.

seu autor como “prefaciador” a obra. Aliás, também as organizadoras do livro, ao escreverem a introdução, agradecem ao mesmo escritor pela gentileza em “prefaciador esta obra”:

(1) LCD02

### APRESENTAÇÃO

*Prefaciador* um livro como este que o leitor tem em mãos não é uma tarefa que se cumpra facilmente. Por duas razões, principalmente... [*Segue-se a apreciação do livro*]

(2) LCD02

### INTRODUÇÃO

A Linguística, nos dias de hoje, conta com uma vasta bibliografia de estudos no campo, desde textos mais introdutórios até textos de grande especificidade e aprofundamento...  
Agradecemos a Sírio Possenti pela gentileza em *prefaciador* esta obra...

Em um caso como esse, parece que os praticantes não percebem qualquer diferença entre os dois gêneros: prefaciador é igual a apresentar. A inegável proximidade entre os dois conceitos já levava Bhatia (1997b, p. 641) a duvidar da viabilidade de distingui-los, dada a sua manipulação pelos membros experientes da comunidade acadêmica. Entretanto, se prefácio e apresentação não se distinguem, como explicar que em 04 das 05 ocorrências de prefácios, nas três áreas disciplinares em foco, eles apareçam lado a lado com apresentações? Ou seja, caso se trate do mesmo gênero, apenas com rótulos diferentes, por que a presença de um não dispensa a ocorrência do outro? Parece que, de alguma forma, prefácio e apresentação estão realizando ações ou cumprindo propósitos comunicativos diferentes, fato que deve ser evidenciado por uma análise mais refinada, na continuação da pesquisa. Quanto à questão da autoria, ressalte-se que o prefácio é tipicamente escrito, nas obras analisadas, pelo autor da obra. A única exceção diz respeito a obras coletivas, em que um dos colaboradores também escreve o prefácio.

#### c) Introdução

Juntamente com o prefácio e a apresentação, a introdução apresenta-se como um dos gêneros cujas fronteiras não são exatamente claras. Parece que certas ações e propósitos apresentam, conforme verificava Bhatia (1997a) nos livros acadêmicos em inglês, um considerável grau de sobreposição. Um problema adicional para o analista é decidir quando a introdução é um gênero introdutório, relativamente autônomo em relação ao restante da obra, e quando ela é parte do livro, equivalendo a um primeiro capítulo ou capítulo introdutório.

No caso de obras em coletânea, essa identificação não é muito problemática, uma vez que os diversos capítulos são completos em si mesmos, e a introdução tem o propósito de oferecer um panorama da obra ao leitor, além de eventualmente demonstrar como as diversas contribuições se articulam em torno de uma mesma temática ou eixo organizador.

O problema realmente tem a ver com as obras monográficas, em que a introdução pode ou não compor o próprio desenvolvimento do ensaio, ao invés de simplesmente apontar para ele. Um critério possível para a classificação de uma introdução como gênero introdutório, e não como parte do próprio ensaio monográfico, seria a forte presença de expressões metadiscursivas (CRISMORE, 1989), especialmente aquelas voltadas para a descrição da organização da obra, como no seguinte exemplo:

(3) TE05

## INTRODUÇÃO

(...) Nesse contexto é que se insere a contribuição dos dois movimentos religiosos focalizados neste livro. *O primeiro* é o movimento ecumênico... *O segundo* é o movimento evangélico... *O ponto central deste estudo* não será uma análise dos movimentos em si... *O ponto de partida* será a radicalização que houve... Sendo assim, *nosso objetivo* será... *O livro apresenta quatro divisões principais. Na primeira...* *Evitamos propositalmente uma conclusão repetitiva...*

De toda forma, não deixará de haver casos fronteiros, de difícil identificação. Até certo ponto, parece que nos defrontamos com gêneros que, apesar de integrarem o discurso científico, de modo algum se apresentam com aquela objetividade cartesiana que se poderia esperar.

Quanto à introdução de obras coletivas, entre outras coisas, o gênero tipicamente inclui a descrição dos capítulos que compõem a obra, sendo este um dos pontos claros de contato com a apresentação. Em 04 das 07 introduções encontradas, os textos são assinados, quer pelo próprio autor (01 caso), quer pelos organizadores ou por convidados, no caso de coletâneas. Um dos textos traz, além da assinatura, a indicação de data e local. Essas informações também indicam uma composição em separado do restante do livro, como gênero destinado a introduzi-lo, e não como parte dele.

## 6. CONCLUSÕES

Este é um trabalho claramente inacabado. De forma alguma esgotamos as possibilidades de análise. Na verdade, ela foi apenas precariamente esboçada. Entretanto, algumas observações tornam-se possíveis a partir deste trabalho. A primeira é que o estudo da constituição, identificação e nomeação dos gêneros introdutórios representa ainda um grande desafio para os analistas de gêneros. Pouco tem sido feito neste campo. Segundo, o leque de gêneros introdutórios é bem mais rico e complexo do que parece à primeira vista. As indicações pioneiras de Bhatia (1997a) refletem apenas parte do problema. Terceiro, os gêneros introdutórios resistem a uma classificação simplista, uma vez que as fronteiras entre os gêneros estão longe de ser nítidas. As normas existentes não são bastante flexíveis para descrever acuradamente a realidade. Finalmente, a análise preliminar dos dados referidos neste trabalho aponta para resultados bastante promissores diante de um exame mais aprofundado. Este, portanto, é um trabalho em aberto. Muito mais ainda está para ser feito.

## REFERÊNCIAS

### a) Obras consultadas

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326.

BEZERRA, Benedito G. Livro didático e livro acadêmico como suportes de gêneros textuais. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM APLICADAS AO ENSINO, 2., 2003, João Pessoa, **Caderno de resumos...** João Pessoa: Idéia, 2003. p. 119-120.

BHATIA, Vijay. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. London: Longman, 1993.

\_\_\_\_\_. Genre-mixing in academic introductions. **English for Specific Purposes**, v. 16, n. 3, p. 181-195, 1997.

\_\_\_\_\_. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, v. 75, n. 3, p. 629-652, 1997.

CRISMORE, Avon. **Talking with readers: metadiscourse as rhetorical act**. New York: Peter Lang, 1989.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia L. Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gênero na construção e avaliação de material didático. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

KRESS, Gunther. Genres and the multimodal production of “scientificness”. In: JEWITT, C.; KRESS, G. **Multimodal literacy**. New York: Peter Lang, 2003. p. 173-186.

MAINGUENEAU, Dominique. Retour sur une catégorie: le genre. In: ADAM, Jean-Michel; GRIZE, Jean-Blaise; BOUACHA, Magid Ali. **Texte et discours: catégories pour l'analyse**. Dijon: EUD, 2004. p. 107-118.

PRESTES, Maria Luci de M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 2. ed. São Paulo: Rêspel, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de documentos científicos**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2000. v. 1: Livros.

**b) Obras que compõem o corpus**

## (1) Lingüística

[LCD05] AZEREDO, José Carlos (org). **Letras e comunicação**: uma parceria no ensino de língua portuguesa. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

[LE01] BAGNO, Marcos. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.

[LE05] BONINI, A. **Gêneros textuais e cognição**: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos. Florianópolis: Insular, 2002.

[LCD04] DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

[LCD03] FARACO, C. A. **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001.

[LE04] KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

[LE02] MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

[LCD06] \_\_\_\_; XAVIER, A. C. (org). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

[LE03] MATOS, Francisco Gomes de. **Comunicar para o bem**: rumo à paz comunicativa. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

[LCD02] MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras, v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

[LCD01] \_\_\_\_\_. **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos, v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

## (2) Teologia

[TCD01] ANDRADE, Sérgio et al. **Saúde, violência e graça**: a missão integral e os desafios para a Igreja. Viçosa: Ultimato, 2003.

[TCD04] BOGAZ, Antonio S.; COUTO, Marcio A. **Deus, onde estás?** A busca de Deus numa sociedade fragmentada. São Paulo: Loyola, 2001.

- [TCD02] \_\_\_\_; VON SINNER, Rudolf. **Diaconia no contexto nordestino: desafios, reflexões, praxis.** São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- [TE02] CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais.** Viçosa: Ultimato, 2000.
- [TE05] LONGUINI NETO, Luiz. **O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano.** Viçosa: Ultimato, 2002.
- [TE04] MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo.** São Paulo: Paulinas, 2000.
- [TE03] ROSA, Merval. **A família e os desafios de um novo tempo.** Rio de Janeiro: JUERP, 2003.
- [TE01] SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral.** São Paulo: ASTE, 2004.
- [TCD03] SUSIN, Luiz Carlos. **Mysterium creationis: um olhar interdisciplinas sobre o universo.** São Paulo: Paulinas, 1999.

### (3) Medicina

- [ME02] AZULAY, Rubem David; AZULAY, David Rubem. **Dermatologia.** 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.
- [MCD02] FRANÇA, Emmanuel. **Dermatologia.** Recife: Bagaço, 1999.
- [ME01] LAZZERI, Lourenço. **Técnica operatória veterinária.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1994.
- [ME03] SANTOS, Itamar Belo dos. **Fotodermatologia.** Recife: IBS, 2000.
- [MCD01] TALHARI, Sinésio; NEVES, René Garrido. **Dermatologia tropical.** São Paulo: MEDSI, 1995.